aves
costeiras
de Icapuí
FUNDAÇÃO
BRASIL CIDADÃO
AQUASIS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aves costeiras de Icapuí/[editor responsável
João Bosco Priamo Carbogim; textos Ciro Albano,
Weber Girão, Alberto Campos] . -- 1. ed. --
Fortaleza, CE: Editora Fundação Brasil Cidadão,
2007.

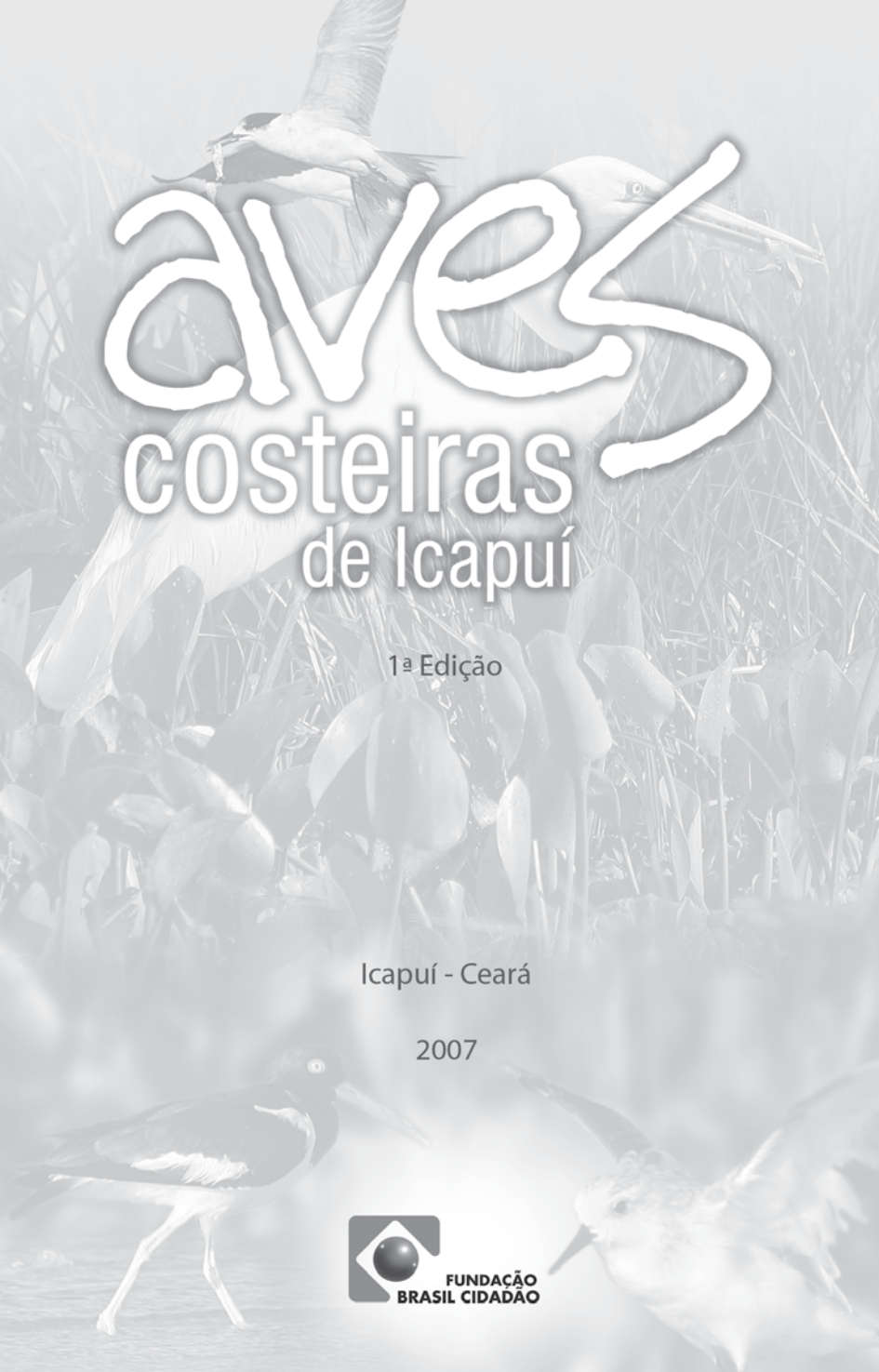
Vários fotógrafos.
Bibliografia.
ISBN 978-85-98564-07-4

1. Aves - Brasil - Guias 2. Aves marinhas -
Icapuí (CE) - Brasil - Fotografias 3. Aves
marinhas - Icapuí (CE) - Brasil - Guias
I. Albano, Ciro. II. Girão, Weber. III. Campos, Alberto.
IV. Pinto, Thieres.

07-6152 CDD-598.0981

Índices para catálogo sistemático:

1. Aves costeiras : Icapuí : Ceará : Brasil :
Guias 598.0981



aves costeiras de Icapuí

1ª Edição

Icapuí - Ceará

2007

FUNDAÇÃO BRASIL CIDADÃO

Copyright © 2007 Editora Fundação Brasil Cidadão

Autores
Ciro Albano, Weber Girão, Alberto Campos e Thieres Pinto
Aquasis - Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos

Editor responsável
João Bosco Priamo Carbogim

Coordenação do Projeto
Maria Leinad Vasconcelos Carbogim

Projeto Gráfico e Direção de Arte
Mauri de Sousa

Apoio Técnico
Promosell Comunicação

Apoio Instrucional
Avina
Unesco

Impressão
Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Fotógrafos	Fotos
Alberto Campos	7, 8, 9, 11, 14, 17(maior), 20, 23(menor), 24(maior), 28(menor acima), 29, 30(menor), 34(maior), 35(menor acima e abaixo), 37(menor), 38(menor acima), 38(menor), 41(menor), 44(menor), 46(menor), 47(menor), 48(menor), 50(maior), 53(menor acima), 54(maior), 55(menor), 60(menor), 63(menor), 64(menor), 67(menor)
Arthur Grosset	52(maior), 53(menor abaixo)
Ciro Albano	6 , 13, 16(maior), 17(menor), 19, 21, 22, 23(maior), 24(menor), 25, 26, 27, 28(maior e menor abaixo), 32, 33, 34(menor), 35(maior), 36, 37(maior), 38(maior e menor abaixo), 39(maior), 40, 41(maior), 42, 43, 44(maior), 45, 46(maior), 48(maior), 49, 50(menor), 51, 53(maior), 54(menor), 55(maior), 56, 57, 58, 60(maior), 61, 62(maior), 64(maior), 65, 66, 67(maior)
Cristine Negrão	52(menor)
Fábio Olmos	18(maior)
João Guilherme Quental	62(menor) 63(maior)
Pedro Lima	16(menor), 18(menor), 31(maior), 47(maior), 59
Robson Silva e Silva	30(maior), 31(menor)

Índice

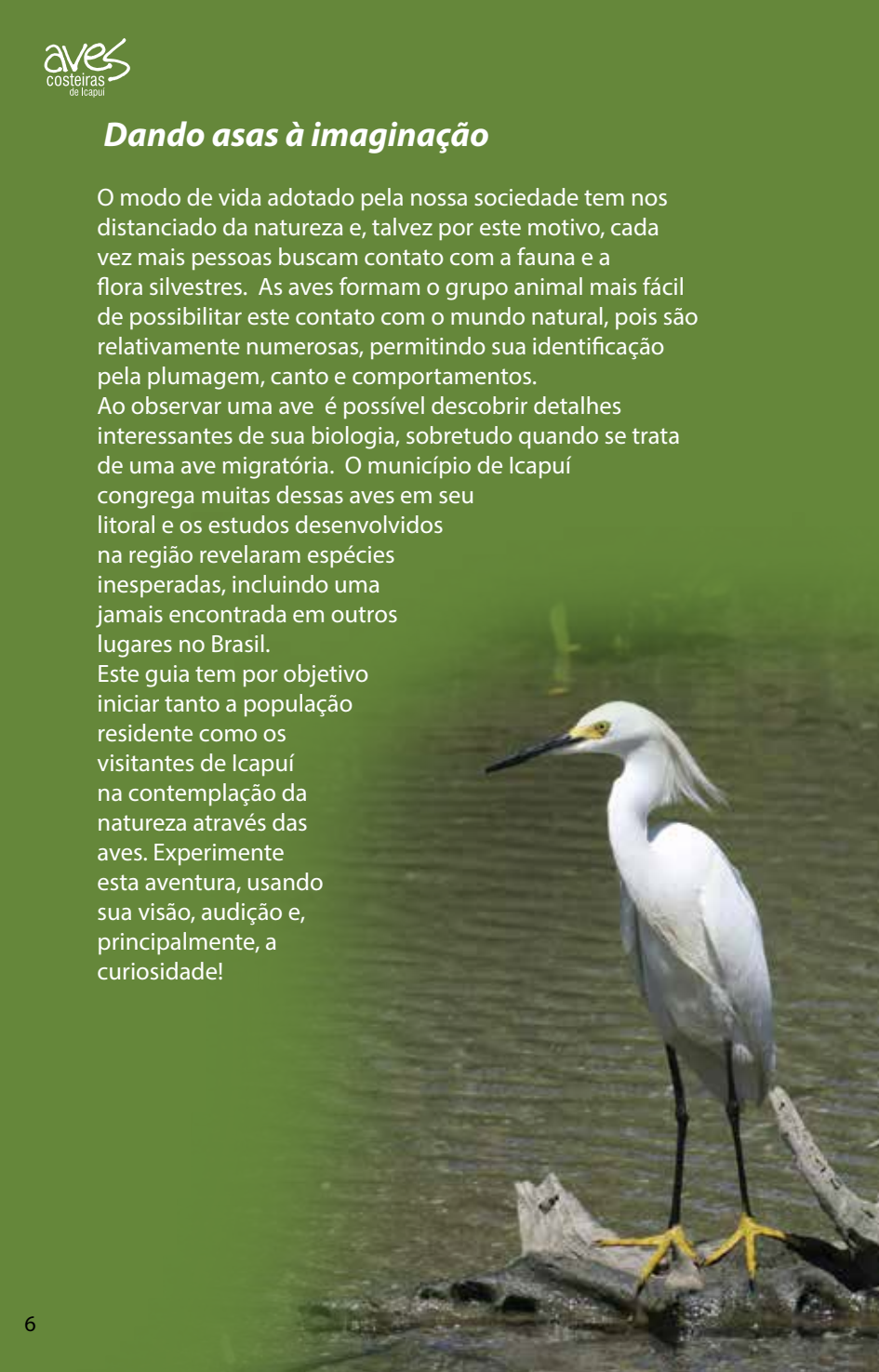
Dando asas à imaginação 6
Preparação para o vôo 7
Demarcando o território 8
Matas de Tabuleiro 10
Banco dos Cajuais 10
Manguezal da Barra Grande 12
Córrego do Sal 14
Cuidando do futuro 15
Guarapirá 16
Tamatião 17
Tamatião-coroa 18
Socó 19
Garça-vaqueira 20
Garça-grande 21
Garça-pequena 22
Garça-azul 23
Urubu-da-cabeça-vermelha 24
Urubu-da-cabeça-amarela 25
Urubu-da-cabeça-preta 26
Carcará 27
Carcará-branco 28
Siricóia-rajada 29
Galinha-do-mangue 30
Siricóia 31
Tetéu 32
Maçarico-do-sovaco-preto 33
Maçarico-coleira 34
Maçarico-do-bico-grosso 35
Maçarico-soluço 36
Piru-piru 37
Pernilongo 38
Maçarico-do-bicão 39
Maçaricão-do-bicão 40
Sirizeira 41
Maçarico-caneludo-grande 42
Maçarico-caneludo 43
Maçaricão-da-asa-branca 44
Agachadeira 45
Vira-pedra 46
Maçaricão-encarnado 47
Maçarico-branco 48
Maçariquinho-perna-preta 49
Maçariquinho-perna-clara 50
Maçarico-caneludo 51
Gaivota-da-asa-escura 52
Gaivotão-da-ponta-da-asa-preta 53
Gaivotão-da-cabeça-cinza 54
Gaivotinha-do-bico-preto 55
Gaivotinha-do-bico-amarelo 56
Gaivotão-do-bico-grosso 57
Gaivota 58
Gaivota-rosada 59
Gaivota-do-bico-amarelo 60
Pescador-grande 61
Pescador-médio 62
Pescador-miúdo 63
Andorinha-da-praia 64
Sabiá-branca 65
Tiziu-da-praia 66
Sibite-do-mangue 67
Origem das aves pelo código de anilhas 68
Bibliografia 69

Dando asas à imaginação

O modo de vida adotado pela nossa sociedade tem nos distanciado da natureza e, talvez por este motivo, cada vez mais pessoas buscam contato com a fauna e a flora silvestres. As aves formam o grupo animal mais fácil de possibilitar este contato com o mundo natural, pois são relativamente numerosas, permitindo sua identificação pela plumagem, canto e comportamentos.

Ao observar uma ave é possível descobrir detalhes interessantes de sua biologia, sobretudo quando se trata de uma ave migratória. O município de Icapuí congrega muitas dessas aves em seu litoral e os estudos desenvolvidos na região revelaram espécies inesperadas, incluindo uma jamais encontrada em outros lugares no Brasil.

Este guia tem por objetivo iniciar tanto a população residente como os visitantes de Icapuí na contemplação da natureza através das aves. Experimente esta aventura, usando sua visão, audição e, principalmente, a curiosidade!



Preparação para o vôo

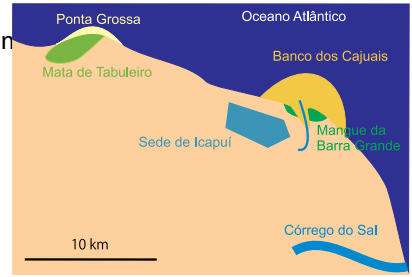
Para observar aves costeiras em Icapuí, são necessários alguns preparos. Um roteiro prévio facilita, pois o município apresenta um conjunto de ambientes costeiros que incluem desde manguezais e lagoas até áreas florestadas sobre falésias, dunas vegetadas e praias arenosas com planícies de maré. Cada um destes ambientes tem suas aves mais comuns e características. Este guia mostra fotografias e textos de 52 espécies, indicando onde ocorrem com maior frequência. A sua leitura prévia ajuda na identificação.

Uma consulta à tábua de marés ou uma conversa com os pescadores podem auxiliar na observação das aves costeiras, pois marés muito altas costumam expulsá-las temporariamente. Além disso, Icapuí apresenta regiões de sua planície costeira muito rasas e extensas, onde a maré pode subir rápido, deixando o observador em apuros. Um exemplo disso é o Banco dos Cajuais. Lá a maré retrocede por quilômetros e descobre vastas áreas de alimentação para as aves migratórias.

Acordar cedo também é uma boa medida, pois minimiza a insolação (lembre-se do protetor solar!) e permite aproveitar o horário mais sossegado, sem muitas pessoas para afugentar as aves. Caderno e lápis são recomendados para o observador mais interessado. Desenhos e anotações detalhadas facilitam a identificação. Não confie apenas na memória.

Binóculos fazem muita diferença, mas se você não tem um, isso não impede a atividade. Nesse caso, você terá de ser mais discreto e perseverante para se aproximar das aves sem afugentá-las e conseguir uma boa observação. Se você dispõe de binóculos, mas não tem prática, vale um pequeno treino. Em pouco tempo poderá acompanhar até aves em vôo. Para tanto, sugerimos um exercício: (1) escolha um alvo fixo, como a palha no alto de um coqueiro; (2) fixe o olhar neste alvo com o binóculo na mão e leve-o até seus olhos (nossa tendência é baixar a vista e olhar para a lente, desconcentrando-nos do alvo); (3) teste o procedimento com alvos em movimento, como motos ou carros; (4) depois é só praticar com as aves.

Demarcando o território



A costa de Icapuí é bastante diversificada e cada ambiente tem uma composição de aves bem particular. O amanhecer nas matas de tabuleiro traz variedade de cantos e sons. Caminhar pelo Banco dos Cajuais revela surpresas ocultas por causa da sua grande extensão e o pôr-do-sol no manguezal é acompanhado pelo grito rouco das garças no ninhal da Requenguela. As principais áreas para observação de aves costeiras no município de Icapuí são Ponta Grossa, Matas de Tabuleiro, Banco dos Cajuais, Manguezal da Barra Grande e Córrego do Sal.

Ponta Grossa

A praia de Ponta Grossa apresenta um conjunto de lagoas e praias arenosas com características ambientais que contribuem para a concentração de aves.
Nas lagoas costeiras, localizadas entre a comunidade e a linha de marés, ocorrem aves como o pernilongo, a sirizeira, o socó e o martim-pescador, que buscam abrigo e alimento nesses ambientes, especialmente durante as marés cheias. Os tetéus são também comuns na planície arenosa entre a praia e as lagoas, fazendo vôos rasantes e denunciando a presença dos observadores que se aproximam de seus territórios.

Bando de aves em Ponta Grossa com as falésias do Retiro Grande ao fundo.

Pernilongos em Ponta Grossa.

As praias apresentam conformação geomorfológica que, aliada à dinâmica das marés, permite a acumulação de materiais trazidos pelas ondas e correntes costeiras, especialmente restos de algas e cascalhos associados, que fornecem abrigo para inúmeros pequenos invertebrados que, por sua vez, servem de alimento para aves como o vira-pedras, o maçarico-branco, o maçarico-do-bico-grosso e o tiziu-da-praia.

Bando de maçaricos-brancos e vira-pedras em Ponta Grossa.

Matas de Tabuleiro

As matas de tabuleiro costeiras mais significativas localizam-se sobre as falésias, desde Retiro Grande até a localidade de Barreiras. Essas matas litorâneas, além de abrigar uma biodiversidade característica, são importantes fontes de recursos naturais para as comunidades costeiras, que delas extraem frutos, produtos medicinais (ervas, cascas de árvores) e madeira para confecção de manzuás.
Apesar do seu avançado estágio de degradação, ainda são encontradas espécies características de aves como a sabiá-branca, com belo canto, o carcará e os urubus de cabeça-preta e cabeça-vermelha, que patrulham a costa em busca de alimentos trazidos pelo mar.
Com sorte e paciência, algumas aves rasteiras podem ser observadas como a siricóia e seu canto característico, que parece dizer: três-potes, três-potes, três-potes...O horário ideal para observar aves nas matas de tabuleiro é de manhã bem cedo ou no final da tarde, quando apresentam maior atividade.

Banco dos Cajuais

O Banco dos Cajuais é uma ampla planície de maré em forma de meia-lua, adjacente à linha de praia, que se estende por boa parte do litoral. A sua porção mais extensa localiza-se defronte à Barra Grande, sendo importante fonte de recursos marinhos para a população local (p.ex., mariscos e algas), bem como um importante berçário da vida marinha para diversas espécies de importância comercial, como peixes e lagostas. Além disso, apresenta um dos principais bancos de capim-agulha da região, o alimento preferido do peixe-boi, o mamífero marinho mais ameaçado de extinção no Brasil. É, também, a principal área de alimentação das aves costeiras e migratórias.

Bandos de maçaricos no Banco dos Cajuais.

Observar aves no Banco dos Cajuais exige um certo planejamento e conhecimento do regime de marés. Durante as marés baixas, parte do Banco fica descoberta, permitindo que as aves se alimentem de vermes e pequenos crustáceos no rico fundo lamacento. Porém, as áreas mais externas do Banco, onde as aves se concentram, podem estar a quilômetros de distância e o observador deve estar atento para os horários de subida da maré, para não ser pego de surpresa. Além disso, é necessário levar bastante água e proteção contra o sol forte, já que não há nenhuma sombra ou abrigo na área.

Caminhando lentamente em direção às aves que se alimentam na margem externa do Banco dos Cajuais, o observador encontrará bandos de maçaricos (maçaricão-do-sovaco-preto, maçarico-do-bicão, maçaricão-encarnado), garças brancas e azuis e, eventualmente, gaivotas e gaivotões.

Manguezal da Barra Grande

A principal área de manguezal de Icapuí - localizada no entorno da Barra Grande, Requenguela e Placas - abriga variada e surpreendente diversidade de aves.
Apesar de protegidos por leis rigorosas, devido à sua enorme importância como berçários da vida marinha, os manguezais têm sofrido inúmeras agressões. Na Barra Grande, as principais ameaças são as ocupações irregulares por residências, fazendas de camarão e salinas, que degradam a área original do mangue e despejam poluentes nas gamboas e braços de mar.
Os manguezais são considerados Áreas de Preservação Permanente pelas leis brasileiras, sendo um crime a sua degradação ou desmatamento. Ajude a preservar o manguezal da Barra Grande, denuncie os crimes ambientais e contribua para a sua recuperação.

Imagem aérea do manguezal da Barra Grande, mostrando a ocupação por salinas e fazendas de camarão.

Diversas espécies de aves costeiras podem ser vistas no manguezal, especialmente durante as marés baixas.
No meio dos intrincados caules dos bosques de mangue vermelho e, com um pouco de paciência, pode-se observar as furtivas galinha-do-mangue e a siricóia-rajada. As garças brancas e azuis, bem como os tamatiões, podem ser vistos pousados nas copas das árvores ou pescando nos rasos canais ao redor do manguezal. Em certas épocas do ano, o espetáculo do ninhal das garças pontilha o mangue de branco, com seus ninhos de gravetos encaixados e filhotes desajeitados.
Na Barra Grande encontramos ainda uma espécie de ave endêmica do manguezal, ou seja, que só é encontrada neste tipo de ambiente: o sibite-do-mangue.
Já os maçaricos preferem as áreas mais abertas, descobertas pela baixa-mar, refugiando-se nas raízes e caules do manguezal ao menor sinal de perigo. Na região de praia, próxima à saída do canal principal da Barra Grande, é comum encontrar maçaricos de porte médio, como o maçarico-coleira, o maçarico-soluço e a agachadeira e, com um pouco de sorte, pode-se observar o piru-piru.

Piru-piru em vôo na Barra Grande.

Córrego do Sal

A localidade de Córrego do Sal abrigava um importante refúgio de fauna que hoje se encontra parcialmente descaracterizado pela ocupação com salinas e fazendas de camarão. Originalmente uma área de salgado, que sofria influência das marés, teve sua dinâmica totalmente modificada pelo barramento da boca do lagamar original, no local conhecido como Arrombado. O Arrombado era a foz de uma lagoa costeira temporária – também chamada de lagamar - que periodicamente arrombava com as primeiras águas do período chuvoso, criando uma conexão dinâmica com o oceano. Estes lagamares são berçários de peixes marinhos, como o camurupim, espécie de grande valor comercial, e o seu barramento leva à perda da biodiversidade e redução dos estoques pesqueiros.

Mesmo assim, algumas espécies de aves costeiras ainda buscam as áreas abrigadas no entorno do Córrego do Sal para repouso e concentram-se nas lagoas que se formam com as chuvas em busca de alimento. Nas lagoas mais interiores, ocorrem gaivotões, pernilongos e diversas espécies de maçariquinhos.

Na faixa de praia em frente ao Arrombado é comum, durante os períodos migratórios, encontrar gaivotas ou trinta-réis.

Bando de gaivotinhas-do-bico-preto na praia defronte ao Arrombado.

A desobstrução do Arrombado - e a retomada da dinâmica original com a entrada da água do mar - é fundamental para recuperar a fertilidade natural destes ambientes, garantindo a troca de nutrientes, cumprindo seu importante papel de berçário da vida marinha e recompondo áreas de refúgio de aves costeiras e migratórias.

Cuidando do futuro

Apesar desta riqueza de ambientes, muitos deles estão ameaçados pela ação do homem.
O manguezal da Barra Grande foi ocupado por salinas e fazendas de camarão e grande parte de sua dinâmica natural não existe mais devido à construção de viveiros, barramentos diversos e à alteração dos fluxos de gamboas e canais.
As falésias são diariamente ocupadas por construções e as matas de tabuleiro no topo das falésias são derrubadas, acelerando a erosão do morro.
O sangradouro do lagamar do Arrombado foi barrado e não arromba mais, perdeu seu contato com o mar e, também, sua função ecológica de berçário da vida marinha.
Portanto, para usufruir desta biodiversidade, é necessário cuidar dos ambientes costeiros.
Preservar a Natureza é zelar por um patrimônio público, do qual a comunidade depende para a sua qualidade de vida e para o desenvolvimento local sustentável. Ajude a cuidar melhor deste patrimônio natural!

Guarapirá

Fregata magnificens

Ordem: Pelecaniformes
Família: Fregatidae
Nome nacional: Tesourão
Nome inglês: Magnificent Frigatebird
Comprimento: 1 m

O guarapirá é maior do que os urubus e pode ser identificado por sua silhueta peculiar durante o vôo.
O macho é menor do que a fêmea e apresenta uma bolsa vermelha inflável na garganta. Habita a costa continental e ilhas oceânicas. Acompanha barcos de pesca aproveitando o descarte de pequenos peixes e, apesar de pescar na superfície do mar, costuma perseguir outras aves para roubar-lhes o alimento. Não pousa na água sob o risco de encharcar suas penas e se afogar. Ocorre em toda a costa brasileira, onde se reproduz. Ocasionalmente pode ser observada no litoral de Icapuí, voando alto.

Tamatião

Nycticorax nycticorax

Ordem: Ciconiiformes
Família: Ardeidae
Nome nacional: Savacu
Nome inglês: Black-crowned Night-Heron
Comprimento: 60 cm

Jovem

O tamatião tem hábitos crepusculares e noturnos. Não ocorre somente na costa, mas avança pelo interior de quase todo o Brasil. Sua voz pode ser escutada à noite quanto voa, dizendo "oak".
O tamatião pode ser confundido com o tamatião-coroa (Nyctanassa violacea), sobretudo os jovens. Compare nas fotos a altura e o comprimento dos bicos das duas espécies, adultas e jovens, para aprender a identificá-las.
O tamatião tem o bico mais fino do que o tamatião-coroa e se alimenta de peixes e jias.
Esta ave se reproduz no Brasil e põe em média três ovos azulados em um ninho de gravetos.
Pode ser observado no mangue da Barra Grande.

Tamatião-coroa

Jovem

Nyctanassa violacea

Ordem: Ciconiiformes
Família: Ardeidae
Nome nacional: Savacu-de-coroa
Nome inglês: Yellow-crowned Night-Heron
Comprimento: 60 cm

Similar à espécie anterior, o tamatião-coroa permanece ativo durante o dia e a noite, ao contrário do tamatião (Nycticorax nycticorax), mais noturno. Alimenta-se de caranguejos e peixes, sendo uma espécie costeira que não avança pelo interior do Brasil. Habita o interior do mangue, onde permanece oculto, assim como o tamatião.

Em sua reprodução, que ocorre no Brasil, põe de dois a três ovos esverdeados em um ninho de gravetos. Com algum empenho pode ser observado no mangue da Barra Grande.

Socó

Jovem

Butorides striata

Ordem: Ciconiiformes
Família: Ardeidae
Nome nacional: Socozinho
Nome inglês: Striated Heron
Comprimento: 40 cm

O socó é um dos menores representantes de sua família. Pode ser confundido apenas com um outro socó ainda não encontrado em Icapuí, similar no tamanho, mas de cor avermelhada (Ixobrychus exilis). Costuma caminhar de dia na beira de lagoas e rios à espreita de peixes e rãs para se alimentar.

É uma ave comum em todo o Brasil. Quando espantado, emite um grito rouco ao voar. Normalmente é observado solitário, formando pares apenas na época do acasalamento. Constrói um ninho de gravetos, onde põe dois ovos azulados. Pode ser observado em qualquer corpo d'água, como o mangue da Barra Grande, o canal do Arrombado e o Córrego do Sal.

Garça-vaqueira

Bubulcus ibis

Ordem: Ciconiiformes
Família: Ardeidae
Nome nacional: Garça-vaqueira
Nome inglês: Cattle Egret
Comprimento: 50 cm

Esta garça não é nativa do Brasil, tendo chegado da África na década de 1950. Desde então, encontrou condições adequadas para sua proliferação acompanhando o gado bovino, que espanta insetos que ela captura em seguida.
Sua reprodução se dá em grandes colônias, onde põe de um a quatro ovos. Pode ser confundida com três espécies de garça: a garça-pequena (Egretta thula), a garça-grande (Ardea alba) e o jovem da garça azul (Egretta caerulea). A garça vaqueira é bem menor do que a garça-grande. A garça-pequena tem pernas negras com os pés amarelos, enquanto a garça-vaqueira não tem as pernas negras. O jovem da garça-azul tem pernas escuras. Em Icapuí ainda não é muito comum.

Garça-grande

Ardea alba

Ordem: Ciconiiformes
Família: Ardeidae
Nome nacional: Garça-branca-grande
Nome inglês: Great Egret
Comprimento: 90 cm

A garça-grande é a maior garça branca do município de Icapuí. Tem bico amarelo, assim como a garça-vaqueira (Bubulcus ibis), porém com o dobro do seu comprimento.

O pescoço comprido forma um S, ao contrário da garça vaqueira. Reproduz-se em ninhais, muitas vezes junto a outras espécies.
Estas garças se reúnem no mangue da Barra Grande para dormir e para a reprodução, época em que dão um espetáculo ao pôr-do-sol com suas revoadas e algazarra. Alimentam-se de peixes, anfíbios e crustáceos.

Garça-pequena

Egretta thula

Ordem: Ciconiiformes
Família: Ardeidae
Nome nacional: Garça-branca-pequena
Nome inglês: Snowy Egret
Comprimento: 60 cm

É a garça mais comum em Icapuí e a única garça branca que apresenta bico e pernas negras com pés amarelos. Na época reprodutiva desenvolve uma bela plumagem nupcial com penas longas. Estas penas eram usadas como ornamento nos Estados Unidos, no começo do século XX, sendo muito caçada para isso. Constrói ninhos de gravetos em colônias com outras garças e tamatiões, onde põe de dois a quatro ovos azulados, integrando o ninhal do mangue da Barra Grande. Alimenta-se de peixes e crustáceos, podendo ser observada caminhando na beira do mar, no Banco dos Cajuais.

Garça-azul

Egretta caerulea

Ordem: Ciconiiformes
Família: Ardeidae
Nome nacional: Garça-azul
Nome inglês: Little Blue Heron
Comprimento: 50 cm

Jovem

A garça-azul é branca no seu primeiro ano de vida, quando surgem manchas cinza-azuladas que dominam sua plumagem por completo, tornando-a inconfundível. O jovem é branco, tem bico e pernas esverdeadas, ao contrário das demais garças brancas. Durante o período reprodutivo, adquire penas purpúreas no pescoço. Divide o ninhal com outras espécies, onde põe de dois a cinco ovos azulados. Também pode ser observada caminhando no Banco dos Cajuais durante a maré seca, juntamente com a garça-pequena.
Ocorre, preferencialmente, no mangue.

Urubu-da-cabeça-vermelha

Cathartes aura

Ordem: Cathartiformes
Família: Cathartidae
Nome nacional: Urubu-da-cabeça-vermelha
Nome inglês: Turkey Vulture
Comprimento: 73 cm

O urubu-da-cabeça-vermelha pode ser confundido com o urubu-da-cabeça-amarela (Cathartes burrovianus).
A principal diferença entre eles é que o urubu-da-cabeça-vermelha não apresenta o amarelo sob os olhos.
Seu olfato é excepcional, sendo capaz de detectar um animal em decomposição com facilidade. Os urubus-da-cabeça-preta (Coragyps atratus) observam os urubus-da-cabeça-vermelha para encontrar o alimento mais facilmente.
Em Icapuí, são comuns na faixa de praia, onde a maré deixa tartarugas e peixes mortos.
Seus filhotes são brancos e emitem um som grave que lembra uma onça.

Urubu-da-cabeça-amarela

Cathartes burrovianus

Ordem: Cathartiformes
Família: Cathartidae
Nome nacional: Urubu-da-cabeça-amarela
Nome inglês: Lesser Yellow-headed Vulture
Comprimento: 60 cm

O urubu-da-cabeça-amarela é parecido com o urubu-da-cabeça-vermelha (Cathartes aura) e, às vezes, sua identificação é difícil sem uma aproximação que permita a visualização da cor amarela sob os olhos.

No Brasil, o urubu-da-cabeça-amarela é mais comum nas regiões Norte e Nordeste, porém ocorre com freqüência bem menor do que o urubu-da-cabeça-vermelha. Pode ser observado mais facilmente no interior de Icapuí do que no litoral. O olfato apurado e o modo de reprodução são similares ao da espécie anterior. Põe de dois a três ovos brancos salpicados com manchas escuras.

Urubu-da-cabeça-preta

Coragyps atratus

Ordem: Cathartiformes
Família: Cathartidae
Nome nacional: Urubu-da-cabeça-preta
Nome inglês: Black Vulture
Comprimento: 56 cm

O urubu-da-cabeça-preta é o urubu mais comum no município de Icapuí e pode ser observado tanto na praia quanto na cidade. Esta espécie põe de dois a três ovos brancos com manchas escuras e pode reproduzir-se até nos edifícios das grandes cidades, tendo se adaptado perfeitamente ao convívio com o homem, exceto nos lixões próximos aos aeroportos. É uma espécie protegida não somente por leis ambientais, mas também pela legislação sanitária. Os filhotes vomitam o alimento com a aproximação de estranhos ao seu ninho.

Carcará

Caracara plancus

Ordem: Falconiformes
Família: Falconidae
Nome nacional: Caracará
Nome inglês: Southern Caracara
Comprimento: 56 cm

Jovem

O carcará é uma ave bastante comum e de fácil identificação, sendo negra com as pontas das asas brancas. A cor de sua face varia do amarelo ao vermelho em função de seu estado de excitação. Alimenta-se de animais vivos e mortos, gozando de uma péssima reputação junto aos criadores de caprinos, que lhe atribuem a causa da morte de filhotes. Sua voz é grave e rouca e constrói um ninho grande de gravetos onde põe três ovos pintados.
Pode ser encontrado em todo o município, inclusive na praia, onde aproveita peixes trazidos pela maré.

Carcará-branco

Milvago chimachima

Ordem: Falconiformes
Família: Falconidae
Nome nacional: Carrapateiro
Nome inglês: Yellow-headed Caracara
Comprimento: 38 cm

Jovem

É semelhante ao carcará, porém não apresenta a coloração negra no alto da cabeça e no ventre. Quando observado em vôo, deixa aparecer nas asas duas manchas claras com o formato de meia-lua. O carcará-branco emite um grito rouco e agudo, que parece dizer "pinhé". Pousa no dorso do gado bovino e alimenta-se de carrapatos, mas também se aproveita de pequenos animais e carniça que encontra, inclusive nas estradas, onde não é raro. Nas praias de Icapuí, ingere restos de peixes. Os jovens são escuros com listras claras.

Siricóia-rajada

Rallus longirostris

Ordem: Gruiformes
Família: Rallidae
Nome nacional: Saracura-matraca
Nome inglês: Clapper Rail
Comprimento: 31 cm

A siricóia-rajada é uma espécie que se reproduz no Brasil, sendo associada aos manguezais.
Os machos são maiores que as fêmeas. Pode ser observada andando na lama do mangue da Barra Grande, sendo mais ativa no final da tarde.
Busca pequenos caranguejos e vermes, enfiando o bico na lama, e emite um canto que lembra o som de uma matraca. Como as demais siricóias, tem comportamento arredio, escondendo-se na sombra das árvores do mangue ao menor ruído do observador. Põe de três a quatro ovos e seu bico é mais comprido do que o das outras siricóias.

Galinha-do-mangue

Aramides mangle

Ordem: Gruiformes
Família: Rallidae
Nome nacional: Saracura-do-mangue
Nome inglês: Little Wood-Rail
Comprimento: 32 cm

A galinha-do-mangue é extremamente parecida com a siricóia (A. cajanea), sendo difícil sua identificação sem uma boa observação da base vermelha do bico, ausente na siricóia. Esta ave é associada aos manguezais, contudo exemplares também são encontrados distantes da costa. O mangue da Barra Grande é o melhor lugar para observá-la, de preferência na maré baixa. Busca alimento na lama, ingerindo pequenos crustáceos e outros invertebrados. Põe dois ovos brancos com pintas vermelhas.

Siricóia

Aramides cajanea

Ordem: Gruiformes
Família: Rallidae
Nome nacional: Saracura-três-potes
Nome inglês: Gray-necked Wood-Rail
Comprimento: 39 cm

A siricóia é facilmente detectada por sua voz.
Canta preferencialmente na aurora e crepúsculo, quando parece dizer "três-potes", justificando o seu nome.
É arredia, sobretudo onde é caçada, esconde-se na vegetação às margens de lagoas, nas matas e nos mangues. Sua identificação visual pode ser confirmada com a observação da base do bico, sem a cor vermelha, ao contrário da galinha-do-mangue (A. mangle). Seus ovos são brancos, pintados de marrom, postos em número de três em um ninho com formato de tigela.

Tetéu

Vanellus chilensis

Ordem: Charadriiformes
Família: Charadriidae
Nome nacional: Quero-quero
Nome inglês: Southern Lapwing
Comprimento: 37 cm

O tetéu é inconfundível em sua aparência e sua voz parece dizer "te-téu". Põe de três a quatro ovos escuros riscados em uma pequena depressão escavada no chão. Os pais são muito agressivos na defesa deste ninho, voando e gritando sobre o potencial agressor.

Os filhotes são nidífugos[1]. O tetéu tem um esporão de defesa em cada asa, que nem sempre é visível. Costuma cantar de dia e de noite, motivo pelo qual as pessoas acreditam na lenda de que ele não dorme, espetando-se nos esporões quando cochila. Pode ser observado sobrevoando os campos de areia cobertos com vegetação rasteira.

[1] Nidífugo - filhote de ave que pode abandonar o ninho imediatamente após o nascimento, quando seu ovo eclode.

Maçaricão-do-sovaco-preto

Pluvialis squatarola

Ordem: Charadriiformes
Família: Charadriidae
Nome nacional: Batuiruçu-de-axila-preta
Nome inglês: Black-bellied Plover
Comprimento: 30 cm

Plumagem reprodutiva

Este é o maior maçarico que pode ser observado em bandos. Não se reproduz no Brasil. Apresenta plumagem negra no ventre assim que chega a Icapuí, em agosto, voltando a apresentá-la perto de regressar ao hemisfério norte, depois de abril. Pode ser identificado com segurança pela coloração negra na axila, sendo importante a observação em vôo.

Maçarico-coleira

Plumagem reprodutiva

Charadrius semipalmatus

Ordem: Charadriiformes
Família: Charadriidae
Nome nacional: Batuíra-de-bando
Nome inglês: Semipalmated Plover
Comprimento: 18 cm

Pode ser confundido com o maçarico-do-bico-grosso (Charadrius wilsonia) e com o maçarico-soluço (C. collaris). O maçarico-coleira apresenta um colar branco que circula todo o pescoço, ao contrário do maçarico-soluço, e seu bico é fino e curto, diferentemente do maçarico-do-bico-grosso. Este maçarico não se reproduz no Brasil, chega aos bandos em Icapuí no mês de agosto, com uma bela plumagem reprodutiva que desaparece e surge novamente em abril, antes de sua partida para o hemisfério norte.

Maçarico-do-bico-grosso

Charadrius wilsonia

Ordem: Charadriiformes
Família: Charadriidae
Nome nacional: Batuíra-bicuda
Nome inglês: Wilson's Plover
Comprimento: 20 cm

Filhote

O maçarico-do-bico-grosso se reproduz no Ceará, podendo ser confundido com o maçarico-soluço (Charadrius collaris) e com o maçarico-coleira (C. semipalmatus).

Apresenta um colar branco, que quase circula o pescoço, ao contrário do maçarico-soluço, e o bico grosso e comprido quando comparado ao do maçarico-coleira.
Põe dois ovos e o filhote é nidífugo.
Os pais distraem a atenção de um possível predador para si, possibilitando a fuga do filhote.
É mais encontrado aos casais ou em pequenos bandos.

Maçarico-soluço

Charadrius collaris

Ordem: Charadriiformes
Família: Charadriidae
Nome nacional: Batuíra-de-coleira
Nome inglês: Collared Plover
Comprimento: 15 cm

Filhote

O maçarico-soluço tem esse nome por esticar o pescoço para cima rapidamente, como se estivesse soluçando. Pode ser confundido com o maçarico-coleira (Charadrius semipalmatus) e com o maçarico-do-bico-grosso (C. wilsonia). Diferencia-se destes por não apresentar um colar branco circundando o pescoço, exceto na hora do soluço, quando exibe o branco escondido sob as penas do pescoço. Reproduz-se em Icapuí, tendo sido encontrado um filhote na Ponta Grossa no mês de setembro. Põe dois ovos sobre a areia e é encontrado aos pares.

Piru-piru

Haematopus palliatus

Ordem: Charadriiformes
Família: Haematopodidae
Nome nacional: Piru-piru
Nome inglês: American Oystercatcher
Comprimento: 46 cm

Este maçarico grande é inconfundível devido à coloração e tamanho do bico.

Pode ser observado no Banco dos Cajuais e nas praias ao redor do estuário da Barra Grande, onde se reproduz na areia pondo dois ovos. Em agosto, foram observados dois indivíduos com plumagem juvenil.
Pela manhã, costuma emitir um canto que parece dizer "piru-piru". Alimenta-se de moluscos com facilidade graças ao seu bico robusto.

Pernilongo

Filhote

Himantopus mexicanus

Ordem: Charadriiformes
Família: Recurvirostridae
Nome nacional: Pernilongo-de-costas-negras
Nome inglês: Black-necked Stilt
Comprimento: 38 cm

O pernilongo é inconfundível. Suas longas pernas permitem caminhar dentro d'água em profundidades que outros maçaricos não alcançam. Aparece em bandos, tendo sido observados filhotes em Icapuí no mês de novembro.
Em algumas épocas do ano pode desaparecer e isto pode estar relacionado à falta de alimento nas lagoas que secam. Alarma a chegada de possíveis predadores, lembrando o canto do tetéu (Vanellus chilensis).

Maçarico-do-bicão

Limnodromus griseus

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-de-costas-brancas
Nome inglês: Short-billed Dowitcher
Comprimento: 29 cm

Este maçarico não se reproduz no Brasil, sendo observado em bandos entre setembro e março na costa de Icapuí. Lembra o maçarico-caneludo (Calidris himantopus) devido ao porte e ao bico comprido, entretanto não apresenta pernas compridas. Exibe uma mancha branca no dorso, facilmente observada em vôo. Sua plumagem reprodutiva é avermelhada, raramente observada em Icapuí.

Maçaricão-do-bicão

Limosa lapponica

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Fuselo
Nome inglês: Bar-tailed Godwit
Comprimento: 41 cm

Fora das ilhas oceânicas, Icapuí é o único lugar da costa brasileira onde este maçarico foi observado até o momento. Seu tamanho se aproxima ao da sirizeira (Numenius phaeopus), mas o imenso bico levemente curvado para cima o torna inconfundível. Os registros ocorreram em novembro e março, tendo sido avistado apenas um animal solitário, em ambas as ocasiões, no Banco dos Cajuais e no canal da Barra Grande. Alimenta-se enfiando o bico na lama, de onde extrai vermes do tamanho do seu bico.

Sirizeira

Numenius phaeopus

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-galego
Nome inglês: Whimbrel
Comprimento: 42 cm

Não se reproduz no Brasil e é inconfundível pelo seu porte e pelo bico curvado para baixo. Pode ser observado de agosto a março no manguezal da Barra Grande, onde captura os crustáceos de que se alimenta. Sua voz é marcante no mangue. Os bandos dessa ave têm diminuído de tamanho devido à caça, sendo conhecido em outros locais como pirão-gordo.

Maçarico-caneludo-grande

Tringa melanoleuca

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-grande-de-perna-amarela
Nome inglês: Greater Yellowlegs
Comprimento: 35 cm

Não se reproduz no Brasil e é extremamente parecido com o maçarico-caneludo (Tringa flavipes). Quando pousam lado a lado, o que não é raro, podem ser comparados quanto ao seu tamanho, permitindo a identificação do maçarico-caneludo-grande. O canto destas duas espécies permite uma diferenciação mais segura. Pode ser observado no mangue da Barra Grande, Córrego do Sal e nas salinas, onde aparece de setembro a março.

Maçarico-caneludo

Tringa flavipes

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-de-perna-amarela
Nome inglês: Lesser Yellowlegs
Comprimento: 26 cm

Muito parecida com o maçarico-caneludo-grande (Tringa melanoleuca), esta ave não se reproduz no Brasil. Quando pousam próximos um do outro, podem ser comparados quanto ao seu porte, possibilitando reconhecer o maçarico-caneludo. O aprendizado do canto destes maçaricos permite sua diferenciação isolada.
Pode ser observado entre outubro e janeiro no mangue da Barra Grande, Córrego do Sal e nas salinas.

Maçaricão-da-asa-branca

Catoptrophorus semipalmatus

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-de-asa-branca
Nome inglês: Willet
Comprimento: 38 cm

Este grande maçarico não se reproduz no Brasil e pode ser observado entre outubro e março, alimentando-se nas imediações do mangue da Barra Grande. Ao contrário dos maçaricos do gênero Tringa, apresenta um bico mais grosso e uma faixa branca ao longo da asa, sendo facilmente observado em vôo.

Agachadeira

Actitis macularius

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-pintado
Nome inglês: Spotted Sandpiper
Comprimento: 19 cm

Não se reproduz no Brasil e pode ser observado entre os meses de agosto a março. Assim que chega ao Ceará, apresenta a plumagem nupcial, com pintas escuras no ventre claro, que desaparece em seguida.
Sua identificação é facilitada por um comportamento curioso, que consiste em agachar a traseira enquanto caminha. Ocorre no Córrego do Sal e Barra Grande.

Vira-pedra

Arenaria interpres

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Vira-pedras
Nome inglês: Ruddy Turnstone
Comprimento: 22 cm

Este maçarico não se reproduz no Brasil, permanecendo em Icapuí de agosto a abril. Ocupa toda a faixa de areia, revolvendo algas e pequenas pedras molhadas pela maré em busca de seu alimento, os invertebrados. Apresenta diferentes plumagens, reprodutivas ou não, para fêmeas e machos adultos, além da que caracteriza os jovens.
É comum em seus bandos avistar indivíduos marcados com anilhas[1] coloridas, permitindo identificar sua procedência.

[1] Anilhas - conhecidas popularmente como alianças, são pequenos anéis metálicos ou plásticos colocados por pesquisadores nas pernas das aves. Contém números e são de cores que permitem identificar dados sobre sua biologia, incluindo as rotas e destinos das migrações.

Maçaricão-encarnado

Calidris canutus

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-de-papo-vermelho
Nome inglês: Red Knot
Comprimento: 26 cm

Este maçarico não se reproduz no Brasil e permanece em Icapuí entre os meses de setembro a março. Chega e parte com a plumagem reprodutiva avermelhada. Pode apresentar anéis coloridos que permitem a identificação de sua procedência. Concentra-se na orla marítima do Banco dos Cajuais, dificultando sua localização.

Maçarico-branco

Calidris alba

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-branco
Nome inglês: Sanderling
Comprimento: 20 cm

Este maçarico não se reproduz no Brasil e pode ser observado em Icapuí entre agosto e março. Sua coloração branca facilita a identificação, sendo característica da plumagem de eclipse[1]. Ocupa, preferencialmente, as faixas de areia da costa do município. Anéis coloridos podem ser observados em suas pernas, possibilitando identificar sua procedência. Apresenta um detalhe anatômico curioso e difícil de ser observado, a ausência de um dos quatro dedos que existem em outros representantes de seu gênero.

[1] Eclipse, plumagem de - plumagem adotada fora da época reprodutiva, normalmente mais discreta.

Maçariquinho-perna-preta

Calidris pusilla

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-rasteirinho
Nome inglês: Semipalmated Sandpiper
Comprimento: 15 cm

Este maçarico, que não se reproduz no Brasil, é notável pelo seu tamanho minúsculo, sendo confundido com o maçariquinho-perna-clara (Calidris minutilla).
A diferenciação destas duas espécies consiste na coloração das pernas, verdes em C. minutilla, e negra em C. pusilla.
De agosto a março pode ser observado aos bandos em Icapuí, alimentando-se nas margens das salinas e poças de maré.

Maçariquinho-perna-clara

Calidris minutilla

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçariquinho
Nome inglês: Least Sandpiper
Comprimento: 18 cm

Este maçarico é bem pequeno, podendo ser confundido com o maçariquinho-perna-preta (Calidris pusilla), contudo apresenta pernas esverdeadas e ocorre em menor quantidade. Não se reproduz no Brasil e foi observado poucas vezes, entre agosto e outubro, nas salinas e poças de maré.

Maçarico-caneludo

Calidris himantopus

Ordem: Charadriiformes
Família: Scolopacidae
Nome nacional: Maçarico-pernilongo
Nome inglês: Stilt Sandpiper
Comprimento: 20 cm

Este maçarico não se reproduz no Brasil e seu registro em Icapuí é o primeiro da região Nordeste. Sua presença na região Sul é mais comum do que na região Sudeste. Os maçaricos-caneludos formam grandes bandos e sua presença entre Icapuí e Grossos (RN) é regular, indicando que seus registros não correspondem a animais vagantes. Suas longas pernas permitem adentrar em águas mais profundas em busca de alimento.

Gaivotão-da-asa-escura

Larus fuscus

Ordem: Charadriiformes
Família: Laridae
Nome nacional: Gaivota-da-asa-escura
Nome inglês: Lesser Black-backed Gull
Comprimento: 56 cm

Este gaivotão foi registrado pela primeira vez no Brasil entre Icapuí e Aracati. Até o momento, foi avistado uma única vez na região, mas é uma espécie que está se alastrando pelo mundo, tendo se tornado cada vez mais comum na América do Norte, avançando para as Américas Central e do Sul. Seu dorso negro serve para diferenciá-lo de outros gaivotões de Icapuí.

Gaivotão-da-ponta-da-asa-preta

Larus atricilla

Ordem: Charadriiformes
Família: Laridae
Nome nacional: Gaivota-alegre
Nome inglês: Laughing Gull
Comprimento: 40 cm

Plumagem reprodutiva

Este gaivotão não se reproduz no Brasil. Apresenta uma mancha clara acima e abaixo dos olhos, além de ter a ponta da asa totalmente negra. O gaivotão-da-cabeça-cinza (Chroicocephalus cirrocephalus) também tem a ponta das asas negras, todavia apresenta uma mancha branca no meio. Não é comum em Icapuí, onde sobrevoa a costa em busca de alimento.

Gaivotão-da-cabeça-cinza

Chroicocephalus cirrocephalus

Ordem: Charadriiformes
Família: Laridae
Nome nacional: Gaivota-de-cabeça-cinza
Nome inglês: Grey-headed Gull
Comprimento: 43 cm

Plumagem reprodutiva

É o gaivotão mais comum da região. Forma grandes bandos sobre as salinas de Grossos, onde também foram observados animais com a plumagem juvenil. A ponta das asas negras com uma mancha branca o diferencia dos demais gaivotões de Icapuí. É observado na região entre setembro e março.

Gaivotinha-do-bico-preto

Sternula antillarum

Ordem: Charadriiformes
Família: Sternidae
Nome nacional: Trinta-réis-miúdo
Nome inglês: Least Tern
Comprimento: 22 cm

Esta pequena gaivota não se reproduz no Brasil. Seu tamanho é comparável apenas ao da gaivotinha-do-bico-amarelo (Sternula superciliaris), podendo ser diferenciada pelo bico curto e fino, totalmente negro. Mas, assim que chega, ou prestes a partir de Icapuí, seu bico pode ficar amarelo com a ponta negra. As demais gaivotas da região são maiores que estas, sendo importante criar uma noção de tamanho para sua identificação.

Gaivotinha-do-bico-amarelo

Sternula superciliaris

Ordem: Charadriiformes
Família: Sternidae
Nome nacional: Trinta-réis-anão
Nome inglês: Yellow-billed Tern
Comprimento: 25 cm

Esta pequena gaivota pode ser confundida com a gaivotinha-do-bico-preto (Sternula antillarum), pois ambas são de pequeno porte. O bico, porém, é sempre amarelo, sem nenhuma parte negra quando adulta.
Sua reprodução se dá no Brasil.

Gaivota-do-bico-grosso

Gelochelidon nilotica

Ordem: Charadriiformes
Família: Sternidae
Nome nacional: Trinta-réis-de-bico-preto
Nome inglês: Gull-billed Tern
Comprimento: 36 cm

De porte médio, tem um bico curto e grosso, ao contrário das outras gaivotas do gênero Sterna e Sternula, com as quais poderia ser confundida. Ocorre no mangue da Barra Grande e no Córrego do Sal. Reproduz-se na região, quando apresenta o alto da cabeça negro.

Gaivota

Sterna hirundo

Ordem: Charadriiformes
Família: Sternidae
Nome nacional: Trinta-réis-boreal
Nome inglês: Common Tern
Comprimento: 36 cm

Esta gaivota não se reproduz no Brasil. Sua diferenciação da gaivota-rosada é extremamente difícil. É a mais comum em Icapuí, tendo sido encontradas aves procedentes da Europa, América do Norte e da Argentina, identificadas através de anilhas colocadas por pesquisadores em uma de suas pernas.

Gaivota-rosada

Sterna dougallii

Ordem: Charadriiformes
Família: Sternidae
Nome nacional: Trinta-réis-róseo
Nome inglês: Roseate Tern
Comprimento: 38 cm

Plumagem reprodutiva

Esta gaivota é muito difícil de ser diferenciada da espécie anterior, com quem chega a cruzar, gerando híbridos.

Assim que chega a Icapuí, pode apresentar longas penas na cauda, remanescentes de sua reprodução no hemisfério norte, facilitando a identificação.
Sua população no Oceano Atlântico é considerada ameaçada de extinção por países como os Estados Unidos. Esta espécie também recebe anilhas, geralmente colocadas em ambas as pernas.

Gaivota-do-bico-amarelo

Thalasseus sandvicensis

Ordem: Charadriiformes
Família: Sternidae
Nome nacional: Trinta-réis-de-bando
Nome inglês: Sandwich Tern
Comprimento: 41 cm

Esta gaivota é a maior de sua categoria em Icapuí, sendo identificada pelo bico totalmente amarelo. Não é comum, mas pode ser observada ocasionalmente margeando a costa.

♀

Pescador-grande

Ceryle torquatus

Ordem: Coraciiformes
Família: Alcedinidae
Nome nacional: Martim-pescador-grande
Nome inglês: Ringed Kingfisher
Comprimento: 42 cm

Este é o maior martim-pescador de Icapuí. O macho apresenta o peito totalmente coberto da cor de ferrugem, enquanto a fêmea tem uma mancha branca sobre o peito de cor ferrugem menos intensa. Pode ser observado pescando nas lagoas costeiras de Ponta Grossa, no mangue da Barra Grande e ao longo de toda a costa, capturando peixes, inclusive no mar. Escava seus ninhos nas barreiras das falésias.

Pescador-médio

Chloroceryle amazona

Ordem: Coraciiformes
Família: Alcedinidae
Nome nacional: Martim-pescador-verde
Nome inglês: Amazon Kingfisher
Comprimento: 30 cm

Este martim-pescador apresenta porte médio entre as espécies de Icapuí. O macho exibe o peito da cor de ferrugem, enquanto a fêmea apresenta uma faixa verde. Assim como os outros dois que ocorrem na região, fica parado no ar voando sobre a água, lançando-se nela para capturar peixes. Costuma pescar nas lagoas costeiras de Ponta Grossa e no mangue da Barra Grande. Escava seus ninhos nas barreiras das falésias.

Pescador-miúdo

Chloroceryle americana

Ordem: Coraciiformes
Família: Alcedinidae
Nome nacional: Martim-pescador-pequeno
Nome inglês: Green Kingfisher
Comprimento: 19 cm

Este é o menor da espécie em Icapuí. O macho exibe o peito da cor de ferrugem, enquanto a fêmea apresenta uma faixa verde.
Pode ser observado pescando nas lagoas costeiras de Ponta Grossa e no mangue da Barra Grande. Escava seus ninhos nas barreiras das falésias.

Andorinha-da-praia

Tachycineta albiventer

Ordem: Passeriformes
Família: Hirundinidae
Nome nacional: Andorinha-do-rio
Nome inglês: White-winged Swallow
Comprimento: 14 cm

Apresenta uma mancha branca sobre a cauda, sinal que serve para diferenciá-la de outras andorinhas cearenses. Ocorre próxima aos espelhos d'água, que sobrevoa em busca de insetos. Seu ninho é construído em fendas nas árvores ou mesmo em edificações, onde põe até quatro ovos brancos.

Sabiá-branca

Mimus gilvus

Ordem: Passeriformes
Família: Mimidae
Nome nacional: Sabiá-da-praia
Nome inglês: Tropical Mockingbird
Comprimento: 26 cm

A sabiá-branca ocorre em toda a costa de Icapuí, ocupando a vegetação sobre as dunas e falésias. Constrói seu ninho em forma de tigela, escondido nos galhos das árvores, onde põe até dois ovos esverdeados salpicados com manchas marrons. Sua voz está entre as mais bonitas da região, sendo fácil escutá-la pela manhã, quando frequentemente pousa sobre os mandacarus que crescem nas falésias e canta com intensidade.

Tiziu-da-praia

Anthus lutescens

Ordem: Passeriformes
Família: Motacillidae
Nome nacional: Caminheiro-zumbidor
Nome inglês: Yellowish Pipit
Comprimento: 13 cm

Este pássaro costuma correr mais do que voar. Em Icapuí, pode ser observado vasculhando os depósitos de algas e detritos trazidos pela maré em busca de artrópodes. Também ocorre nos campos. É mais facilmente observado quando salta e emite uma voz aguda e prolongada como um assobio. Tem um detalhe curioso e difícil de ser observado: longas unhas nos dedos que são voltadas para trás.

Sibite-do-mangue

Conirostrum bicolor

Ordem: Passeriformes
Família: Thraupidae
Nome nacional: Figuinha-do-mangue
Nome inglês: Bicolored Conebill
Comprimento: 11,5 cm

Jovem

Este pássaro é associado aos manguezais, ocorrendo também nas margens do Rio Amazonas. Pode ser observado no mangue da Barra Grande.
O adulto é acinzentado e o jovem é amarelo. Seu ninho consiste em um pequeno cesto construído em uma forquilha.

Origem das aves pelo código de anilhas

Para identificar a origem de uma ave migratória marcada com anilhas coloridas é preciso anotar a cor de cada anilha, observando se está localizada na perna direita ou esquerda, acima ou abaixo da articulação do meio da perna e se é uma anilha ou bandeirola. Algumas vezes, a bandeirola pode apresentar letras, para facilitar a sua identificação visual.

Vira-pedra (Arenaria interpres) com anilhas coloridas e bandeirola com letras.

Como reportar uma ave anilhada?

Se você encontrar uma ave com anilhas, procure identificar a espécie com o auxílio deste guia e anote informações sobre: Data; Hora; Local da Avistagem (se possível, com coordenadas geográficas); Que fazia? Estava em grupo? Quantos? E uma descrição precisa da cor e posição de cada marca, verificando a existência de letras nas bandeirolas, com o auxílio do binóculo ou luneta.
Fotos digitais são extremamente úteis, tanto para ajudar na identificação da espécie e na leitura das anilhas, como para documentar um registro, dando-lhe maior confiabilidade.

Contribua com este esforço global de conhecimento das rotas migratórias.

Envie informações ou fotos de aves anilhadas para a Aquasis, através do e-mail biodiversidade@aquasis.org. Atenção: não retire a anilha e não moleste o animal.

Se quiser saber o país onde a ave foi anilhada pelo código de bandeirolas ou reportar uma avistagem (em inglês), procure a página do Pan American Shorebird Program (PASP): www.cws-scf.ec.gc.ca/nwrc-cnrf

Bibliografia

Harrison, P. 1985. Seabirds: an identification guide. 2nd ed. Boston: Houghton Mifflin Company.

Hayman, P., J. Marchant e T. Prater. 1991. Shorebirds: an identification guide to the waders of the world. Boston: Houghton Mifflin Company.

Lima, P. C. 2006. Aves do litoral norte da Bahia. Camaçari: Atualidades Ornitológicas.

Sick, H. 1997. Ornitologia Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Páginas da internet

www.aquasis.org
www.ararajuba.org.br
www.arthurgrosset.com
www.birdlife.org
www.jquental.multiply.com
www.flickr.com/photos/ciroalbanofotos
www.savebrasil.org.br/

Icapuí - CE

População estimada em 2006	17.819
Área da unidade territorial (km²)	429
Distância de Fortaleza	200 km

Fonte: IBGE

aves costeiras de Icapuí

Realização:

FUNDAÇÃO BRASIL CIDADÃO

AQUASIS

Apoio:

UNESCO
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Representação da UNESCO no Brasil

AVINA

PROMOSELL
COMUNICAÇÃO
www.promosell.com.br

Código de barras